



Patrimônio cultural no Brasil

Pollyanna Lacerda Machado¹

Thaís Kalile Zschaber Nogueira²

Visando compreender a “imaginação museal” de Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro – examinada com carinho e cuidado pelo museólogo (e poeta) Mário de Souza Chagas em sua tese defendida em 2003; assim como a relação do patrimônio cultural no cenário museológico brasileiro, defrontamo-nos com várias questões importantes para o entendimento da construção do significado dos museus e dos bens culturais em meados do século XIX. De início destacamos: “- a tradição museal brasileira pode ser inteiramente compreendida como parte de um processo civilizador de modernidade com raízes fincadas no solo do século XVIII.” (CHAGAS, 2009, p. 64). A partir deste trecho é possível perceber uma parcela do que seria a função dos museus e mais adiante discutiremos como os três intelectuais escolhidos para análise pensaram a preservação do patrimônio cultural e qual era o significado dos museus para eles.

Partindo do pressuposto de que “o processo de musealização que, grosso modo, é dispositivo de caráter seletivo e político, impregnado de subjetividades, vinculados a uma intencionalidade representacional e a um jogo de atribuição de valores socioculturais...”. (CHAGAS, 2009, p.22) entendemos as relações construídas por Mário Chagas, ao analisar: Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, e a influência de suas ideias na realização de trabalhos e construção dentro do campo museal; carregados de valores simbólicos, políticos e ideológicos.

¹ Graduanda do – período do curso de Museologia pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais – ECI/UFMG. E-mail

² Graduanda do – período do curso de Museologia pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais – ECI/UFMG. E-mail



“Esses três homens de pensamento e ação criaram instituições museais e desenvolveram perspectivas museológicas bastante distintas”. (CHAGAS, 2009, p.26-27). É a partir da análise da *imaginação museal* de cada um deles que no discurso de Mário Chagas se mostra presente um esboço do perfil de suas vocações: Gustavo Barroso – museu, história e nação; Gilberto Freyre – museu, tradição e região; Darcy Ribeiro – museu, etnia e cultura. Assim, o autor os coloca como “narradores modernos”, possibilitando o entendimento de todo o contexto social e político em que viveram e suas experiências intelectuais.

Desde a criação do Museu Real fica claro o interesse da aristocracia e homens ricos em utilizar-se dos museus como instrumento disciplinador. Referente a Gustavo Barroso, pode-se dizer que existem semelhanças em seu discurso conservador e monumental; “... a retórica barrosiana queria promover e ampliar o panteão dos heróis; queria identificá-los, imortalizá-los e fabricar identificação integral com eles”. (ABREU, 1996)

Percebemos o desejo de Barroso ampliar e perpetuar a noção de patrimônio através da criação de uma identidade nacional, segundo Regina Abreu: “Seu principal objetivo era tratar de uma outra evolução, a evolução da chamada nação brasileira.” (ABREU, 2009, p. 90). De certo modo, Barroso estava muito próximo aos museus enciclopédicos oitocentistas; com a criação do Museu Histórico Nacional em 1922, visava-se a chance de conceber um espaço com visibilidade para se apresentar a história de um país. Dentre o panorama em que se desenvolveu e consolidou o museu, considerando as influências e as relações de interesses políticos divergentes, procuramos destacar apenas o gesto museal de Barroso: “O Museu Histórico Nacional de Barroso era uma ponte. Uma ponte museológica entre o século XX e o século XIX, entre a República e o Império, entre os gestos heroicos do presente e do passado. O que estava em causa não era a ruptura, era continuidade e tradição”. (CHAGAS, 2009, p.89).

Através de reflexões acerca da relação entre patrimônio tangível e intangível, proposta por Mário Chagas– sob o viés do olhar museológico, iremos pensa-los de forma indissociável: “Enquanto o intangível confere sentido ao tangível, o tangível confere corporeidade ao intangível; um não sobrevive sem o outro”. (CHAGAS, 2009, p. 21). Pensando nos três intelectuais escolhidos e, enfatizando, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro; é possível enxergar essas qualidades presentes em suas escolhas e modos de pensar os museus. Tendo em vista as diferenças entre um e outro, embora cientistas sociais e antropólogos, de certa forma, Gilberto e Darcy se apoiam em suportes de memória para reunir em suas práticas sociais o que constitui o cerne da ação preservacionista estabelecida em seus trabalhos.

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 4, n.1, mar. 2014.



“É necessária a existência de uma imaginação criadora para que as coisas sejam investidas de memória ou lançadas no limbo do esquecimento.”(CHAGAS, 2009, p.23). Entendendo a razão pelas quais essas escolhas foram feitas, entendemos também, a *imaginação museal* de cada um. Carregados de experiências e saberes adquiridos ao longo de anos, esses indivíduos cada qual com seu objetivo, deixam explícitos seus desejos e interesses.

Bombardeado à esquerda e à direita, Gilberto Freyre desenvolveu uma técnica peculiar de equilíbrio dinâmico: ora ele parecia pender para um lado, ora para outro. Nunca estava no lugar em que alguns desejavam que estivesse. Conservador, ao seu modo, e progressista, também ao seu modo, ele parecia alimentar o desejo de estar permanentemente num lugar surpreendente – talvez essa fosse uma de suas características. Ele se comportava como um malabarista e parecia tirar muito prazer desse jogo de cena. Ele parecia encarnar a ambiguidade e, quando alguém tentava defini-lo como ambíguo, pulava (ou fingia pular) de cima do muro da própria ambiguidade. (CHAGAS, 2009, p. 114).

Carregado de ambiguidades, Freyre revelou-se, muitas vezes, em posições distintas buscando situar-se; o olhar estrangeiro que trouxe no seu retorno ao Brasil contribuiu para atentar-se aos hábitos cotidianos e ao estudo da história íntima da sociedade brasileira, desprezando “tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante [...]”. (CHAGAS, 2009, p.117). É importante frisar que para compreender Gilberto Freyre e seu pensamento social, é necessário cuidado, neste caso, não iremos nos alongar, apenas destacar os dispositivos utilizados por ele para a compreensão da preservação do patrimônio regional e as tradições populares. Na tentativa de recuperar o tempo perdido Gilberto Freyre demonstrava em seu interesse pelo Nordeste a vontade de se reencontrar, além de sua “formação culturalista boasiana, que privilegiava o olhar para as regiões, compreendendo que o essencial do Brasil era constituído de múltiplas identidades”; no entanto sua forma romântica apontou a necessidade de o Estado implantar um museu voltado para a vida local, do “homem rústico”, com principal destaque nas descrições de elementos da culinária, demonstrando o olhar preocupado, com o que atualmente chamamos de patrimônio intangível. A *imaginação museal freyreana* mostrava-se claramente afetiva e espontânea, ressaltando a ideia indissociável do tangível e intangível, o poder de sua memória evocava a inspiração, de uma imaginação criadora, a qual dava importância às coisas pertencentes à outra ordem – “[...] na condição de narrador moderno, ele insistia em sabores, cheiros, sons, folguedos, brinquedos e imagens do cotidiano que atravessam longos tempos”. (CHAGAS, 2009, p.131).

Consciente de seu desafio, Mário Chagas consegue tecer de forma esclarecedora a figura de Darcy Ribeiro, apresentando e associando a metáfora das peles que constitui ponto

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 4, n.1, mar. 2014.



importante para entender um pouco deste intelectual. O propósito de identificar a imaginação criadora presente na construção das narrativas e práticas do personagem em questão, fez-se presente na criação do Museu do Índio, que como etnólogo, foi capaz de “coletar e musealizar, como de fato o fez, coleções de cerâmica e couros pintados dos índios Kadiwéu [...]”. (CHAGAS, 2009, p.155). De início, seu interesse pelo povo tornou-se vocação para a construção “de um mundo melhor, mais solidário e humano”. A observação direta da vida dos povos indígenas do Brasil o levou a trabalhar mais adiante com um museu cheio de compromissos educacionais e político-sociais.

Como pai fundador, refundador ou pai adotivo, ele foi o intelectual responsável pela organização e institucionalização do Museu do Índio, à sua *imaginação museal* devem-se o caráter moderno da instituição e o seu perfil de órgão de pesquisa e de educação, vinculado organicamente à chamada “causa indígena (CHAGAS, 2009, p.170)

Mesmo sendo um profissional sem formação na área museológica, Darcy revelou entender bem dos processos museológicos depois de descrevê-los em um artigo publicado em 1955 na revista *Museum*. Sua narrativa apresentava como concebeu a instituição e os ideias que nortearam a construção de suas práticas; “[...] uma instituição militante contra o preconceito, como um defensor humanitário dos índios.” E mais: “Um museu em luta contra o preconceito”. (CHAGAS, 2009, p.175)

Selecionar, reunir, guardar e expor coisas num determinado espaço, projetando-as de um tempo a outro, com o objetivo de evocar lembranças, exemplificar e inspirar comportamentos, realizar estudos e desenvolver determinadas narrativas parecem constituir as ações que, num primeiro momento, estariam nas raízes dessas práticas sociais chamadas, convencionalmente, de museus. (CHAGAS, 2009, p. 22).

Darcy parecia entender bem o que queria na construção de sua narrativa e da missão do Museu do Índio; “dessa narrativa humanista implicou o desenvolvimento de práticas museográficas específicas, que ora valorizavam o ponto de vista estético e sublinhavam a singularidade de alguns objetos, ora a universalidade de algumas soluções culturais; ora destacavam o objeto isolado, ora um conjunto de objetos em seus ‘contextos funcionais’; procuravam sensibilizar o visitante tanto pela visão como, pela audição [...] A missão do ‘explicador’ era complementar e conduzir a leitura da exposição no sentido de combate ao preconceito”. (CHAGAS, 2009, p. 177).



Contudo, reafirmamos mais uma vez, que a análise da *imaginação museal* dos três intelectuais selecionados por Mário Chagas está ligada a relações de poder, investidos de uma imaginação criadora capaz de revelar, por intermédio das coisas, a seleção de fatos distintos os quais desejam preservar. “Darcy, Barroso e Freyre foram intelectuais sedutores, vaidosos e narcisistas.” No processo de preservação do patrimônio material, conforme seus ideais sócio-políticos, revelam o “desejo de ter presença corpórea na memória futura [...] da aceitação da musealização de si mesmos”. (CHAGAS, 2009, p. 199).

Referências

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

CHAGAS, Mário de Souza. *A imaginação museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. – Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO (FUNDAR). Disponível em: < <http://www.fundar.org.br/> > Acesso em: